

Por uma cidade que se move e se comunica: corpo, rua e improviso¹

Júlia Saldanha de Aguiar
Maria Helena Weber

RESUMO

Este trabalho trata da relação de um lugar com suas pessoas. A reflexão acontece a partir de um estudo de caso: o Camelódromo da Praça XV. O Camelódromo foi uma grande feira que durante 40 anos ocupou um espaço importante no centro de Porto Alegre/RS. (Auto) organizado e vivido principalmente pelo povo, o fenômeno se configurava em um lugar onde improviso e estética constituíam o modo de ser e agir no cotidiano da rua. Ironicamente, no início de 2009 o Camelódromo foi transferido para dentro de um prédio. Hoje, onde se desenrolava o espetáculo do imprevisível, encontra-se um estacionamento para carros. Este trabalho foi produzido nos últimos meses do Camelódromo; em um espírito de elogio à estética do improviso e à auto-organização. Buscamos articular idéias da teoria da complexidade, do urbanismo, das artes e da comunicação, para tentar compreender um pouco essa manifestação espontânea, tão característica da *urbe* no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Cidade. Informalidade. Camelódromo. Improviso. Auto-organização. Reportagem-cinematográfica.

¹ Este trabalho foi elaborado a partir de perspectivas da pesquisa **Representações da cidade nos espaços político, acadêmico e midiáticos** (CNPq – 2003-2007).

1 Introdução

*É o povo que nos incentiva a ficar aqui.
Eu sempre fui incentivado pelo povo a ficar na pedra.
(SEU BRASIL, 2007)*

Este trabalho trata da relação de um lugar com suas pessoas; a cidade e o corpo. A reflexão é feita a partir de um estudo de caso: o Camelódromo da Praça XV. O Camelódromo é uma grande feira, espontânea, que durante 40 anos ocupou um espaço importante no centro histórico de Porto Alegre/RS. (Auto) organizado e vivido principalmente por pessoas de classes populares, o fenômeno Camelódromo, com suas 420 bancas, vendedores, funcionários e funções agregadas, se configurava em um espaço onde espontaneidade, improviso e estética se fundiam e caracterizavam o modo de ser e agir, no cotidiano intenso da rua. Um espaço híbrido, característico da urbe contemporânea; por um lado, comercial, onde mercadorias da moda se tornam oportunidade de sustento, na medida em que satisfazem desejos de consumo de seus fregueses, em sua maioria, com baixo poder de compra; e ao mesmo tempo, um lugar de convivência humana intensa e verdadeira. Nas palavras de Alemão da Rifa, camelô antigo: *os camelôs formam um clã*, uma grande família. Expostos à intempérie, e à incessante passagem de pessoas, e tudo o que isso tem de positivo e negativo; ali, a vida acontecia, fervia; os corpos, aos milhares em movimento, e a pedra, o artefato urbano.

A formulação deste texto² gerou também material audiovisual que deu origem a uma cine-reportagem, batizada Tempo de Pedra³ (51min) projetada originalmente no Mercado Público de Porto Alegre, tendo com o convidados os camelôs que foram objeto desta pesquisa. Naquele momento encerrou-se um ciclo de descobertas e relações entre pesquisadores e o povo da Pedra que se viu registrado e fez descobertas inusitadas, só possíveis com a comunicação da imagem sobre sua rotina, sobre suas vidas que marcaram a história de Porto Alegre.

Como embasamento teórico, temos como referência para o pensamento do **corpo-camelô**, em relação ao seu **ambiente-cidade**, a teoria da *autopoiesis*, de Humberto Maturana e Francisco Varela. Além disso, neste texto, buscamos articular idéias da teoria da complexidade com pensamentos da comunicação, da antropologia, das artes e, principalmente, dos próprios camelôs. Idéias que, apesar de serem fruto de áreas bastante diversas do conhecimento, convergem no modo como apreciam uma série fenômenos contemporâneos.

O Camelódromo da Praça XV tornou-se, dessa forma, objeto privilegiado de estudo, assim como, fisicamente, ocupou um espaço privilegiado da cidade onde, diariamente eram fortalecidas

² Esse texto é parte da pesquisa desenvolvida por Júlia Aguiar, com a bolsa do programa *InFormação*, da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) que resultou em Trabalho de Conclusão de Curso denominado *Camelódromo da Praça XV: improviso, comunicação e auto-organização* (2007). O trabalho é resultado, também, da pesquisa interdisciplinar realizada pelo Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea (GEEA), sob orientação do Prof. Dr. Douglas Vieira de Aguiar (PROPAR/UFRGS). Também faz parte da perspectiva abordada.

³ Acessar em:
<http://coletivocatarse.blogspot.com/search/label/Document%C3%A1rios%20e%20fic%C3%A7%C3%B5es%20da%20Catarse>

as formas de comunicação em defesa de objetivos comuns, em torno da exposição e venda de mercadorias e serviços que exigiam o estabelecimento de relações e comunicação entre eles e com os habitantes da cidade. Essa comunicação possui duas dimensões de impacto: estética e interpessoal. A primeira estava na ocupação visual do espaço público, na alteração desse espaço e nos sons das vozes dos camelôs misturadas ao tráfego, aos barulhos do centro da cidade. A segunda residia nos processos de comunicação mantidos entre os camelôs, como códigos de compreensão da sua vida e do seu trabalho nas conversas entre eles e com aqueles que passavam por entre as barracas, para perguntar, para comprar, conversar ou, simplesmente, olhar.

É sobre isso que trata este artigo, quando fala de instalação, corpo, improvisado e a pedra. Quando reproduz as falas e conta as histórias de um lugar tão singular, conta as histórias da Pedra, o nome que eles davam a esse espaço vital, ao Camelódromo.

2 A grande instalação

Formado ao longo de quatro décadas, o Camelódromo da Praça XV (Figura 1) se desenvolveu como um sistema social complexo; uma rede intrincada de conversações, gestos, rotinas, tecnologias e narrativas. Uma cultura que se organizou, se adaptou e se transformou em uma gigantesca instalação; um cenário vivo, constituído por miríades de lonas, guarda-sóis, prateleirinhas, expositores e mercadorias, na maior parte ligadas à cultura do consumo.



Figura 1: A grande instalação. Fonte: Tempo de Pedra / André de Oliveira

Somando 40 anos de *Pedra*, **Seu João** conta que o camelô trabalha com a moda; dessa forma, tem de ir sempre se adaptando à mercadoria do momento. Mostrando seu álbum de fotografias ele lembra:

Essa aqui é em 82, na época da novela da, da, da Jocasta, na época da moda verde-limão. Pode ver, a gente vendia meinhas verde-limão, cintos verde-limão, pochetezinhas verde-limão. [...] Aqui a gente já tá vendendo óculos. Já é verão, assim tipo meio de janeiro, em 1985. Aqui eu de bermuda, de camiseta, também na esquina da Rua da Praia. [...] Aqui já é o forte do inverno de 1986. A gente vendia meias, vendia bolsas, vendia sacolas. [...] E aqui também eram cintos. (2007)⁴

■
⁴ Informação verbal.

Seu João conta a história de suas mercadorias, e ao mesmo tempo a sua história, desde menino vivendo da informalidade ambulante do centro de Porto Alegre; informalidade essa que tinha como uma de suas manifestações exponenciais o fenômeno Camelódromo da Praça XV. Como um corpo instalado no chão da praça, os corredores forrados de cores, símbolos, texturas, sons e desejos, o lugar se comunicava intensamente com o centrão da cidade, e convidava, a todo momento, o passante para a “**deriva**”. Entrar no Camelódromo podia ser comparável a entrar no labirinto; o evento em toda a sua densidade, alimentado pelo sucesso comercial.

Ironicamente, em janeiro de 2009, o Camelódromo foi retirado da Praça XV. Como parte do Projeto *Viva o Centro*, um “**novo**” programa de revitalização urbana da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, os camelôs foram removidos para um *shopping* popular (Figura 2), um edifício a algumas quadras dali, onde hoje pagam pelo metro de chão. Assim, findou-se a vida de muitas dessas pessoas como vendedores de rua; em tese pelo menos. Com a praça vazia, a presença de ambulantes em boa parte da área central da cidade passa novamente para a ilegalidade. De acordo com o discurso oficial, com a “**limpeza**” feita, o centro está “humanizado e revitalizado”; mas será mesmo assim?

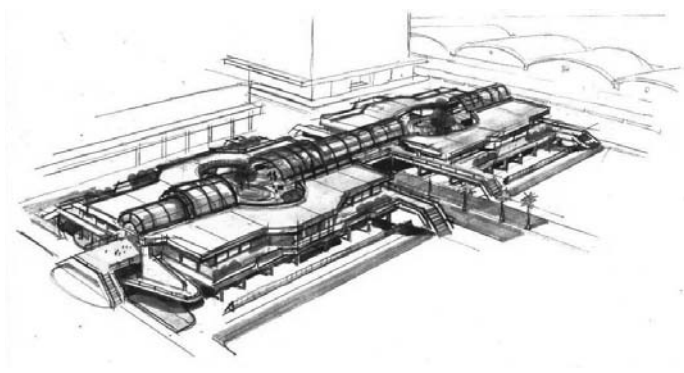


Figura 2: Perspectiva do Centro Popular de Compras (CPC). Fonte: Arquivo PMPA

Na linha da arquiteta-urbanista Margareth Crawford (1999), nossa argumentação vai na direção de reconhecer a cultura, perceber a estética e conhecer a complexidade humana dessas expressões espontâneas, tão características da *urbe* contemporânea. Para a autora, essas manifestações podem ser justamente o potencial de transformação da ordem vigente e estabelecida para algo, desta vez sim, mais humano; receptivo ao empreendimento individual no espaço urbano e sensível às criações estéticas da cultura do improvisado.

3 Que corpo é esse?

O corpo, aqui, é a unidade mínima. A partir do corpo, da interação e comunicação entre os corpos, acontece o sistema. Um sistema social, Camelódromo, constituído por centenas de corpos, que são também sistemas vivos, com toda a complexidade de percepções, linguagens e possibilidades de comportamentos e relações, decorrentes de tal condição. A teoria da *autopoiesis* incorpora essas qualidades em sua explicação dos corpos viventes, entram na equação os múltiplos domínios em que a vida acontece: e assim, parece somar à compreensão do fenômeno Camelódromo da Praça XV.

A *autopoiesis* descreve o funcionamento da vida, buscando a organização subjacente aos sistemas vivos. Conforme explica Maturana, “o central para compreender os seres vivos é considerá-los como entes discretos, autônomos, que existem no seu viver como unidades independentes” (1995, p.11, tradução nossa). A teoria põe a autonomia do ser vivo como eixo organizador da vida, como característica não só do modo de operar na solidão, na singularidade, mas também enquanto ser social. O **ser autônomo**, assim, é um sistema que se realiza e existe na contínua produção de si mesmo. A concepção é expressa na palavra com a qual é batizada a teoria, *autopoiesis*; ou **autocriação**.

Na *autopoiesis* a espontaneidade aparece como princípio organizativo fundamental dos sistemas vivos. A organização dos sistemas vivos é, portanto, fruto da interação entre seus próprios componentes. Não há agente ou força externa; a organização acontece, da forma que acontece, pelas propriedades de seus componentes. Nas palavras de Maturana:

A organização espontânea de um sistema, ao surgir esse na conservação de uma configuração relacional entre um conjunto de elementos, que cria uma clivagem com respeito a um entorno que surge também nesse momento, tem, entre outras, duas conseqüências fundamentais.

A aparição de um novo domínio relacional ou fenomênico que antes não existia, na qual a entidade ou sistema, que surge como uma unidade definida com tal pela organização que começa a conservar-se daí em diante, tem propriedades como sistema, ou totalidade, que não são as propriedades de seus componentes.

Tal domínio relacional ou fenomênico, não se pode deduzir das propriedades dos componentes do sistema, por que surge com a composição.

A outra consequência é que se cria uma assimetria no suceder, por que cada situação surge como uma composição espontânea a partir da anterior, na qual aparecem novos domínios relacionais ou fenomênicos, que o observador distingue ao falar de história e de tempo. (MATURANA; VARELA, 1995, p.28, tradução nossa)

Emerge o sistema, o ser; uma unidade com propriedades particulares, que não são as de seus componentes. Nesse movimento surge também o meio, como domínio de **complementaridade operacional**, no qual o sistema, como ente discreto, se realiza enquanto sua organização se conserva. Separado do meio por uma membrana, casca, couro, pele, produzida e mantida por si mesmo, o ser vivo se distingue, constitui-se em forma e vive, em interação permanente, por todos os poros, com o ambiente que o cerca. Surge o **domínio relacional** do ser com o seu ambiente; um interior, sujeito, observador, em relação com um exterior. Um corpo que sente gosto, escuta, vê, sente o frio, sente a textura das coisas, se emociona, interpreta, comunica, age. Um corpo que, a partir do sentido que faz de suas percepções, cria seu mundo, suas tecnologias, transforma o território, dá origem à cidade, o “[...] menor e mais importante lugar de sobrevivência e organização individual, social, cultural, política e econômica” (WEBER, 2006)⁵.

■
⁵ Documento eletrônico.

Esse é o corpo da *autopoiesis*; um corpo que, como ser humano, se faz humano vivendo em e através de um **domínio linguístico**. Um corpo que vive em conjunto, em sociedade, formando sistemas sociais, nos quais os componentes são os organismos e suas criações, que se articulam e se coordenam através da linguagem e da ação. Maturana, contudo, tem o cuidado de diferenciar o modo de acoplamento entre componentes observado em organismos e em sistemas sociais. Explica o pensador: “o organismo restringe a criatividade individual das unidades que o integram, pois estas existem para ele; o sistema social humano amplia a criatividade individual de seus componentes, pois esta existe para eles” (MATURANA ; VARELA, 2001, p.221). O sistema social, através da criação de relações entre seus **sujeitos-componentes-autônomos**, é capaz de, através da peculiaridade dessas associações, alimentar o desenvolvimento dos mesmos, expandindo a corporação como um todo para terrenos não previsíveis.

Viver em conjunto, assim, aparece como um modo de enriquecer e aumentar as possibilidades da existência. De acordo com Helena Knyazeva, da Escola de Pensamento Sinérgico de Moscou, integrar estruturas não significa simplesmente reuni-las; “as regiões de localização da estrutura se imbricam com uma

anomalia de energia que se produz” (KNYAZEVA, 2003, p.154). A relação, a interação com o outro, é sempre um momento de tensão, uma anomalia ou irregularidade. O que se observa através dos estudos da *sinérgica* é uma explosão de energia nesses pontos. E essa característica, potencialmente explosiva, espontânea, e por que não libertadora, das relações parece ser interessante de ser explorada.

Em um espaço como o *Camelódromo da Praça XV*, a constatação de Knyazeva se explicita. No Camelódromo a associação entre pessoas possibilitou a emergência de uma obra coletiva de grandes proporções, capaz de, com a sua estrutura material, abrigar e realimentar o desenvolvimento da própria organização que lhe dá origem. Camelô com muitos *anos de pedra, Alemão da Rifa* (2007)⁶, sintetiza a questão: “O nosso clã tem uma maneira de viver. Mas nós precisamos dos outros para viver, por isso nós temos também vontade de ensinar”. Alemão expressa o sentimento do conjunto; os camelôs formam um clã, uma grande família, um sistema social coeso, marcado pela luta, pelo esforço conjunto, pela criatividade no enfrentamento do dia-a-dia na rua (Figura 3).

Nesse sentido, Maturana conceitua: “uma cultura é uma rede de conversações que define um modo de viver, um modo de estar orientado no existir, um modo de crescer no atuar e no emocionar. Cresce-se numa cultura vivendo nela como um tipo particular de ser humano na rede de conversações que a define” (MATURANA ; VARELA, 2001). Quando pensamos no Camelódromo da Praça XV, que abrigava camelôs de terceira geração, com seu modo próprio de se organizar, baseado na oralidade, no gesto, no respeito, na comunicação rápida e quente, de pessoa para pessoa, a associação com o conceito de cultura fornecido pelo pensador é natural; estamos diante de uma cultura.

■
⁶ Informação verbal.



Figura 3: Diariamente. Fonte: Tempo de Pedra / Julia Aguiar

Da montagem das barracas à convivência diária, os camelôs inventavam novos modos de viver, de conviver, de constituir um espaço e cultura capazes de intervir na cidade, de provocar.

4 Tempo de pedra

Eu me sinto honrado em dizer que eu sou camelô. Eu nunca neguei para ninguém que sou camelô. Nunca negue que você é camelô. Por que camelô é uma profissão. É a primeira profissão do mundo. Em certa ocasião, em algumas passagens da bíblia, eu estava vendo que Salomão comprava cavalos e vendia cavalos. A rainha de Sabá subia o Eufrates para levar as coisas para vender, saía do Egito para ir lá para a Mesopotâmia vender. A gente vê, em história, nos livros, as pessoas vendendo. Em todo lugar do mundo tem camelô, todo lugar tem pedra para trabalhar. [...] Camelô nasceu para viver na pedra, é igual a marisco. Ele vive na pedra. (SEU BRASIL, 2007)

A pedra é o chão do camelô, a vida do camelô. A cidade, que é feita de tijolo, concreto, chuva, vento, calor e frio é a pedra; que tem e contém as pessoas, que passam, que ficam, que vendem, por que ali tem pessoas que passam, a todo momento. Por isso, por causa da oportunidade, na pedra estão os camelôs.

Na Praça XV, dos camelôs mais antigos, diz-se que têm **anos de pedra**.



Figura 4: Anos de Pedra. Fonte: Tempo de Pedra / André de Oliveira

O *tempo na Pedra* significa muita coisa para o camelô; significa na prática, a maior parte da vida passada na *rua*, essa outra palavra fundamental no vocabulário do vendedor ambulante. No início do século XX, João do Rio fala assim da densidade humana do lugar que denominamos rua:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. (2007, p.16)

Eis a rua, o espaço público onde o ambulante instala a banca, a **paraquedas**; no chão que é de todos e que não é de ninguém. Mas que por muitas horas do dia, anos a fio, é de usufruto do camelô. Seu Brasil tem muitos **anos na pedra**, e explica explica o que é ser camelô:

Camelô é estar na rua, é estar vendendo, anunciando, dizendo: vamos comprar. Sabe, ter contato com o público direto. O público não precisa estar me procurando em lugares fechados. Loja é para lojista. Lugar de camelô para mim é na pedra. Meu contato com o público é estar aqui na rua, vendendo, falando com o público, expondo a minha mercadoria, se ele não se agradou dessa cor aqui, eu vou ali na minha caixinha, pego outras coisas, mostro para ele. É negociar, é meu dia-a-dia, é minha sobrevivência. Com dignidade, com dignidade. (SEU BRASIL, 2007)

como as feiras das grandes cidades do mundo, há centenas de anos. Eram centenas de ambulantes com mercadorias, bancas, caixinhas e paninhos; nesse tipo de situação, a venda depende muito do anúncio, de estimular os sentidos do cliente, atrair para efetuar a transação. As bancas são montadas com cuidado, estrategicamente; na visão do transeunte apressado, os corredores do Camelódromo podiam parecer apertados e inconvenientes; freqüentemente lotados de corpos em movimento, eles afunilavam o fluxo das largas ruas circundantes em passagens de três a quatro metros de largura. E o faziam propositalmente, talvez.

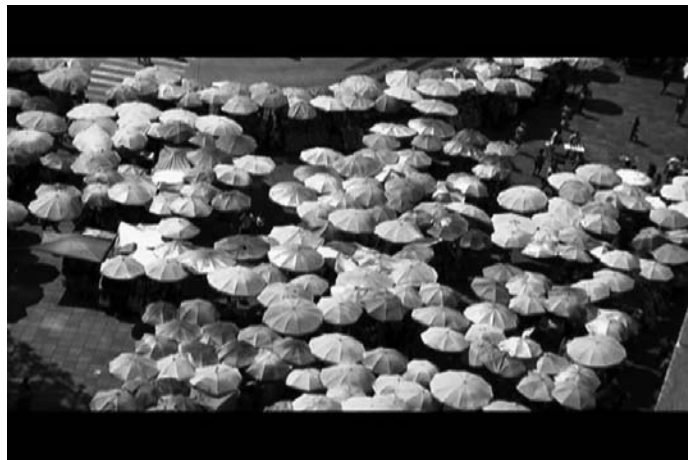


Figura 5: Guarda-sóis ou flores? Fonte: André de Oliveira

No seu caminhar, o passante tinha seu olhar naturalmente atraído para os estímulos coloridos das estantes; um potencial cliente à vista atestava o funcionamento daquele arranjo funciona. De Certeau relata a constituição desses caminhos ao afirmar que

[...] a história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, por que cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. (1994, p.176)

Com a passagem do tempo e das multidões pela Praça XV, consolidou-se a forma básica. O chão da Praça XV foi marcado com listras amarelas e paralelas que delimitavam a área a ser ocupada por cada banca. Adel Goldani, da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC) assim explicava as demarcações:

É para eles não transformarem a banca em uma loja. Aliás, tem algumas bancas ali no Centro que tem muita lojinha que não ocupa a mesma área. Então, depois deles se localizarem dessa forma, foi feita uma contenção de área, para eles não se expandirem muito. Não irem esticando as bandejas deles. (GOLDANI, 2007)

A delimitação buscava cristalizar uma área ocupada e assim conter o crescimento de um sistema de ambulantes que espontaneamente, insistia em se expandir. Assim, o aspecto aparentemente desordenado da **instalação** Camelódromo da Praça XV, desde que surgiu, parecia incomodar as autoridades e a classe média em geral. Na mão contrária, a nosso ver, teria bastado um olhar mais afetivo com o povo dali para perceber a riqueza proporcionada a cada instante da existência dinâmica, efêmera e volátil do Camelódromo. “Se as tradições devem ser mantidas, deixem-nos aqui”, é a palavra de Alemão da Rifa (2007)⁷. Nessa perspectiva, Hélio Oiticica sintetiza assim a experiência em espaços criados pela **cultura do improviso**:

Não se trata mais de impor um acervo de idéias e estruturas acabadas ao espectador, mas de procurar pela descentralização da “arte”, pelo deslocamento do que se designa como arte, do campo intelectual racional para o da proposição criativa vivencial; dar ao homem, ao indivíduo de hoje, a possibilidade de “experimentar a criação”, de descobrir pela participação, esta de diversas ordens, algo que para ele possua significado. (1986, p.111)

Completando 30 anos a vender chapéus na praça, *Seu Aníbal* em mais um amanhecer repetia o ritual: buscava a mais bela composição de cores e texturas fruto do acaso do dia. Passando pelas escadarias da Praça XV, o que nos era dado a ver de sua banca era uma larga parede coberta de chapéus multicoloridos que chamava a atenção não apenas pela riqueza compositiva, mas também pelo tamanho. Orgulhoso de sua obra, *Seu Aníbal* (2007)⁸ explica como o seu painel tinha bem mais que os 0,8 por 1,20m, permitidos pela autoridade oficial: “É, é que isso é assim, a gente faz uma sociedade. Aqui por exemplo são duas bancas, tu faz uma sociedade; um entra com o ponto o outro com a mercadoria, e faz um negócio”. A sociedade entre *Seu Aníbal* e a banca vizinha é informal; na palavra. Eles confiavam um no outro a ponto de, sem assinar qualquer papel nem envolver entidade jurídica alguma, combinavam o pouco espaço que tinham para formar algo maior que a simples soma das bancas isoladas. A banca de *Alemão da Rifa* tinha, também, a participação dos colegas. Para explicar a origem de cada uma das suas partes, ele se referia

⁸ Informação verbal.

a sua memória sobre pessoas fundamentais na continuidade de sua existência como camelô:

Essa aqui ó, foi feita por esse aqui, vou te mostrar. Aquela banca de sacolas lá ó... é o Alberto, ele foi na minha casa, ele é um bom carpinteiro, e ele fez a minha banca por que eu não tinha dinheiro para pagar alguém. E aí eu comecei com ela, e já tem bons usos. Isso aí foi uma época que caiu a casa e a gente montou tudo de novo, para tu ver como a gente é irmão. O cara foi lá na minha casa, fez o carrinho. Me vendeu esse estrado com essas rodas. Aí eu pedi para um serralheiro fazer um painel, uma gradinha. Aí veio outro: "E aí Alemão, o que tu vai botar aí?", "Bah! Tô pelado.", "Não, mas a gente dá um empurrãozinho". Aí o Marcos me deu uns videogames. O Celso veio lá e me trouxe umas capinhas. E a coisa foi formando de novo. (Alemão da Rifa, 2007)⁹

■
⁹ Informação verbal.

Qual será o valor da banca de *Alemão da Rifa*? De acordo com suas lembranças, era o preço de todas as relações costuradas ao longo dos anos; na vida incerta da *Pedra*, isso parece ser definitivo. Nesse sentido, Varela (MATURANA; VARELA, 2001, p. 32) observa: "É no domínio da relação com o outro, na linguagem, onde se passa o viver humano; e é, portanto, no domínio da relação com o outro, onde tem lugar a responsabilidade e a liberdade com modos de conviver". Daí depende-se que viver em coletivo, em sociedade, é por definição tarefa complexa; no caso dos ambulantes, no entanto, saber conviver com o diferente era parte intrínseca e fundamental da atividade (Figura 6).



Figura 6: O Camelódromo e suas passagens. Fonte: Tempo de Pedra / André de Oliveira

Curiosamente, apesar do comportamento entre colegas ser em geral de cooperação, com a presença do cliente havia, naturalmente, certa competição. A mercadoria de *Alemão* não era exclusiva; vendendo *videogames* e produtos eletrônicos, a concorrência era grande até mesmo dentro do Camelódromo. Apesar disso, ele não se amedrontava; no seu caso, vender para ganhar o dia era pura matemática: "tem que entrar mais do que se gastou". No entanto, por trás da aparente simplicidade das contas existia a malandragem de uma *vida existida na pedra*:

A gente sabe comprar bem para vender um pouco mais caro. E muito mais caro se deixar. “Ah, mas tá roubando”. Então tu vai achar onde é a fonte. Não é assim que funciona em todos os lugares? Quem tem poder domina. Eu não vou te dizer onde eu comprei, mas eu posso te fornecer. Esse é o meu trabalho. Acho que não tem diferença de qualquer outro trabalho. É honesto. (Alemão da Rifa, 2007)¹⁰

■
¹⁰ Informação verbal.

As longas jornadas também faziam parte da atividade do camelô. *Débora*, jovem vendedora trabalhando há um ano e oito meses no lugar, sintetizava assim a rotina: “A gente passa a maior parte do tempo aqui, a nossa vida é aqui. A gente chega oito horas, e vai embora umas oito horas. Então a gente só chega em casa para dormir, no caso, né. A vida toda é aqui” (2007). Das muitas horas de convivência emerge uma organização forte, capaz de realizar todos os dias, uma larga seqüência de movimentos, através da coordenação e articulação de centenas de pessoas. Nesse sentido, a impressionante *estrutura-instalação* com que nos deparamos na Praça XV é ‘somente’ a materialização de sua - tanto quanto - intrincada *organização*. Para Humberto Maturana:

[...] é a organização o que define a identidade de classe de um sistema, e é a estrutura o que realiza o sistema como um caso particular da classe que sua organização define, (...) os sistemas existem somente na dinâmica da realização de sua organização em uma estrutura. (1995, p.20, *tradução nossa*)

A manifestação material, portanto, é fruto da organização do sistema. No caso do Camelódromo, a organização era a coordenação das ações de pessoas de diferentes idades, origens, gostos e histórias, com o objetivo de levantar a estrutura e vender. O enfrentamento das intempéries, por exemplo, exigia que os camelôs se articulassem com agilidade e respeito; nessa linha, *Seu Adão* explicava como funcionavam as lonas (Figura 7) que faziam a cobertura do Camelódromo:

Tem um movimento sincronizado aqui, nessa coisa horrorosa. Por que se ele colocar uma corda dele errada, já dá problema, esculhamba tudo. Então a gente veio aperfeiçoando, e do jeito que está assim, chove mas não cai água na banca de nenhum. E aí o mais novo que chega para trabalhar, a gente fala: a tua lona tem que ser assim, a tua corda tem que passar aqui. Nos primeiros dias a gente auxilia os outros, por que não tem como eu colocar onde eu quero. Posso botar água em cima dele? Não posso. O movimento do vento... Então as lonas vem de lá para cá [sudoeste – nordeste]. Todas cruzando por cima, por que o vento vem sempre de lá para cá [aponta para o rio Guaíba]. Se tu colocar na posição errada, a água vem, entra por baixo. É tipo um telhado, né, tem que ter uma encaixadinha na outra. (2007)¹¹

■
¹¹ Informação verbal.



Figura 7: Lonas. Fonte: Tempo de Pedra / André de Oliveira

O Camelódromo, durante 40 anos de vida, constituía uma unidade; na afirmação não há uma idealização utópica, mas a constatação de uma rede social fortemente entrelaçada que espontaneamente aprendeu a viver em coletivo. Nesse processo, a necessidade de um desencadeia automaticamente a mobilização dos outros. Parte inseparável dessa coesão era o modo de comunicação; ali, em questão de minutos, qualquer notícia se espalhava; fofoca, conversa fiada, não importava o nome, mas que as palavras se propagassem e atingissem a quem interessava atingir. Essa era também uma maneira de se proteger e se preservar em um jeito de viver incerto, ambulante, mutante. Em sua sinceridade visceral, com pouquíssimas palavras, *Alemão da Rifa* fazia desmoronar qualquer visão romântica sobre a existência do camelô:

Eu saio na rua, tiro leite de pedra. Eu vou para qualquer esquina, eu vendo lápis. [...] Fica aqui no sol e na chuva. Passa a mão aqui para tu vê. Fora os cortes na cara de brigar. Por que aqui é olho no olho, dente por dente. Mas nós nos respeitamos dentro da nossa unidade. E nossa unidade se chama trabalho. Só. (2007)¹²

■
¹²Informação verbal.

Alemão apresentava a lei da rua, ditando-a abertamente para quem quisesse ouvir e ver; era a lei da sobrevivência. Contrariando Babel, as pessoas do Camelódromo aprenderam, por necessidade, a se entender, a falar uma língua comum. Não havia nada escrito, mas as regras foram perpetuadas no boca-a-boca e no respeito à tradição. Fruto do trabalho organizado de centenas de pessoas, uma grande obra: coletiva, viva e anônima.

5 Considerações finais

No momento não se sabe os desdobramentos da política realizada pela Prefeitura, de retirar os camelôs da praça e *limpar* o centro (Figura 8) como um todo dos ambulantes. Boa parte dos camelôs da Praça XV hoje se encontram no CPC e já foram constatados altos índices de inadimplência no pagamento do aluguel para a empresa construtora do empreendimento; pagar pelo metro de chão para a iniciativa privada não parece ser tão fácil assim, ainda mais, sobre *pilotis* a 4 metros da calçada.



Figura 8: O Largo depois da saída do Camelódromo da Praça XV.
Fonte: Julia Aguiar

Não se pode dizer também, que o ‘final feliz’ seja a volta do Camelódromo para Praça XV, afinal a existência na **informalidade-ambulante** parece ser um permanente flutuar – arriscado - na incerteza. Curiosamente, no entanto, esses pequenos empreendimentos, espontâneos e auto-organizados, parecem expressões de uma positiva transformação social, na medida em que superam a desagregação e o caos da vida urbana, e criam laços fortes e solidários, baseados na palavra e no respeito. Assim, diante de todo o quadro de políticas, muitas vezes irresponsáveis, resta lembrar não ser esta a primeira vez na história em que a caça ao camelô acontece. E os *comerciantes da rua*, ainda que não as mesmas pessoas, voltaram muitas vezes a ocupar as mesmas calçadas de onde foram uma vez retirados, e voltaram a anunciar em voz alta as promoções, e a usar, à luz do dia, da malandragem e da criatividade típicas da nossa cultura popular.

O Camelódromo propiciava a ocorrência de relações sociais e de consumo diferenciadas e é desse vínculo que Mayol fala, embora especifique as relações de um bairro e consumo. Afirma:

[...] para se compreender bem este processo: deve-se ir procurar do lado da honra: a pura relação de consumo é insuficiente, demasiadamente breve, para exprimir o que secretamente implica no plano das relações. A conveniência substitui o intercâmbio estritamente econômico e cria um espaço para a fala, no qual um reconhecimento mais completo dessas relações se torna pensável, portanto articulável. A obediência a esse pacto continua sendo a condição essencial para um bom relacionamento no bairro, isto é, a possibilidade para qualquer pessoa ocupar o seu lugar no funcionamento social da rua. (1997, p.130)¹³

■
¹³ Informação verbal.

Nesse momento, as regras de governabilidade da cidade e a organização formal do consumo venceram e essa história foi contada de modo testemunhal.

Como dizia Seu Brasil (2007), e são dele as últimas palavras: “lá antes de Cristo, três, quatro, séculos antes de Cristo, já existia camelô, já existia a pedra, e a pedra sempre vai existir”; e que assim seja...

For a moving and communicating city: body, street and jamming

ABSTRACT

This article is about the relationship between place and people. The argument develops from a case study: the *Camelódromo da Praça XV* market place. The *Camelódromo* is a huge, spontaneous fair, that occupied an important space in the centre of Porto Alegre/Brasil for 40 years. Self-organized and lived mainly by the lower classes, the phenomenon came to be a melting pot, where jamming and aesthetics made the way of being and acting in the street. *Camelódromo* developed into a complex social system; a web of conversations, gestures, routines, technologies and history, a culture. Ironically, in the beginning of 2009, the camelôs were swept from the street, and transferred to a building. Here, we look into articulating studies of the Systems Theory, with ideas from urbanism, arts and communication. The argumentation looks into recognizing the positive human complexity of these spontaneous manifestations, so characteristic of the contemporary urban scene.

KEYWORDS: Communication. City. Informality. Street market. Jamming. Self-organization. Complexity.

Por una ciudad que se mueve y se comunica: cuerpo, calle y improviso

RESUMEN

El presente artículo explora la relación de un sitio con las personas. La argumentación se desarrolla con un estudio de caso: el mercado callejero *Camelódromo da Praça XV*. El *Camelódromo* ha sido una gran feria, espontánea, que durante 40 años ocupó un espacio clave en el Centro de Porto Alegre/Brasil. Auto-organizada y vivenciada mayoritariamente por el pueblo, el fenómeno se configuró como un espacio donde improviso y estética caracterizaban el modo de ser y actuar, en el cotidiano intenso de la calle. Ha sido, por tanto, un sistema social complejo; una cultura. Irónicamente, hoy, los ambulantes están en un sitio cerrado: el Centro Popular de Compras. Así, buscamos articular pensamientos de la teoría de la complejidad, con el urbanismo, artes y comunicación. La argumentación tiene en vista el reconocimiento de la cultura, de la estética y de la complejidad humana de las dichas manifestaciones espontáneas, tan características de la *urbe* contemporánea.

PALABRAS CLAVE : Comunicación. Ciudad. Informalidad. Mercado de calle. Improviso. Auto-organización. Complejidad.

Referências

AGUIAR, Julia S.V. **Camelódromo da Praça XV**: improviso, comunicação e auto-organização. 2007. 121 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRAWFORD, Margareth. **Blurring the boundaries**: public space and private life. In: *Everyday Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 1999.

KNYAVEZA, Helena. Teleologia, co-Evolução e complexidade. In: MENDES, Candido (Org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. P.143-160.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **A Árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Atenas, 2001.

_____. **De máquinas y seres vivos**: autopoiesis : la organización de lo vivo. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1995.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**: 2. morar e cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. P.37-188.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

TEMPO de Pedra. Direção: Julia Aguiar. Assistência: André de Oliveira. Pesquisa: Douglas Vieira de Aguiar / Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea/UFRGS. Porto Alegre: Coletivo Catarse, 2008. 1 DVD (51min), widescreen, cor.

WEBER, Maria Helena. A Cidade traída: recortes da mídia, do governo e da academia. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru,SP. **Anais...** Bauru : UNESP, 2006. 1 CD ROM.

Julia Saldanha Vieira de Aguiar

*Jornalista / UFRGS
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia / UFRGS
Bolsista CAPES-COFECUB no Projeto Arenização e gestão dos recursos hídricos na bacia hidrográfica do rio Ibicuí/RS
E-mail: julia.aguiar@coletivocatarse.com.br*

Maria Helena Weber

*Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação / UFRGS
Pesquisadora do CNPq com o projeto A Comunicação Pública dos Poderes e o Poder da Mídia no Brasil
E-mail: maria.weber@ufrgs.br*

Recebido: 23/06/2009

Recebido e avaliado
pela Comissão Editorial